MANIFESTAÇÕES DA CULTURA E DO SAGRADO EM BARREIRAS E ANGICAL - BAHIA

MANIFESTATIONS OF CULTURE AND THE SACRED IN BARREIRAS AND ANGICAL, BAHIA

MANIFESTACIONES DE LA CULTURA Y DELE SAGRADO EN BARREIRAS Y ANGICAL, BAHIA

Evanildo Santos Cardoso
Universidade Federal do Oeste do Oeste da Bahia
evanildo@ufob.edu.br

Resumo: Este texto destaca as principais manifestações culturais dos municípios de Barreiras e Angical, localizados no Oeste Baiano, no âmbito da religião e de seus simbolismos. Dentre as várias manifestações culturais vivenciadas, estão as crenças e lendas, os folguedos e folias, o artesanato, as festas de colheitas, e o calendário agrícola. O projeto de iniciação científica em questão contou com apoio financeiro do PIBIC/Fapesb. Trata-se de uma investigação cultural que visa inventariar seis municípios do Oeste da Bahia. Para tanto, foram realizadas entrevistas com líderes e coordenadores de cultura. Para a elaboração do inventário que prevê o reconhecimento do papel que a cultura exerce em um determinado espaço geográfico e nele se territorializa, optamos por discutir o tema a partir da descrição de símbolos materiais e imateriais. Os territórios, onde são expressas as manifestações culturais, são concebidos e percebidos como sínteses das resistências de um povo diante de outros valores culturais mais voltados ao consumo e prazer. Nesse intuito, salientamos a importância da permanência do sagrado como fonte de fé, rito, encontro e resistência cultural.

Palavras-chave: inventário cultural; território; festa; Barreiras.

Abstract: This text highlights the main cultural manifestations in the cities of Barreiras and Angical, located in West Bahia, within the scope of religion and its symbolisms. Among the several cultural manifestations experienced, there are beliefs and legends, whoopee, handicraft, harvest feasts, and the agricultural calendar. The scientific initiation project has PIBIC/Fapesb financial support. It is about a cultural investigation that aims to inventory six cities from West Bahia. To this end, interviews were conducted with leaders and culture coordinators. To elaborate the inventory, that foresees the acknowledgement of the role culture plays in a determined geographic space and is territorialized in it, we chose to discuss the theme from description of material and immaterial symbols. The territories, where

the cultural manifestations are expressed, are conceived and perceived as synthesis of the resistance of a people against other cultural values aimed at consumption and pleasure. We emphasize the importance of the permanence of sacred as a source of faith, rite, encounter and cultural resistance.

Keywords: Cultural inventory; territory; feast; Barreiras.

Resumen: Este texto destaca las principales manifestaciones culturales de los municipios de Barreiras y Angical localizados en la región del Oeste del estado de Bahía - Brasil, en el ámbito de la religión y de sus simbolismos. Se trata de una investigación cultural que busca inventariar seis municipios del Oeste de Bahía. El proyecto de iniciación científica en cuestión cuenta con apoyo financiero del PIBIC/Fapesb. Dentro de las varias manifestaciones culturales vivenciadas están las creencias y leyendas, los folguedos (fiestas populares) e folias (bailes y juegos), el artesanato, las fiestas de las cosechas, y el calendario agrícola. Para tanto, fueron realizadas entrevistas con líderes y coordinadores de cultura. Optamos por discutir el tema a partir de la descripción de símbolos materiales e inmateriales para la elaboración de inventario que prevé el reconocimiento del papel que la cultura ejerce en un determinado espacio geográfico y dentro de ella se territorializa. Los territorios donde son expresadas las manifestaciones culturales son concebidos y percibidos como síntesis de las resistencias de un pueblo frente a otros valores culturales pero direccionados al consumo y placer hedonista. Con ese intuito, resaltamos la importancia de la permanencia de lo sagrado como fuente de fe, rito, encuentro y resistencia cultural.

Palabras-clave: inventario cultural; territorios; fiesta; Barreiras.

INTRODUÇÃO

A cultura no Oeste Baiano é caracterizada por inúmeras manifestações em temas variados que vão da religião à culinária. A variedade de elementos constituintes da cultura regional realça a importância de estudos investigativos com o propósito de valorizar o patrimônio material e imaterial existente e estabelecer marcos identitários nos territórios. Mais do que temas que são comemorados com sentido folclórico as manifestações culturais dão sinais do sentimento de comunhão, devoção e celebração em festas religiosas, além do talento de artistas no artesanato e culinária bem como nas músicas e festas populares.

Neste texto, apresentamos uma aproximação do significado das manifestações culturais identificadas em dois municípios (Barreiras e Angical), e o que elas representam do ponto de vista do simbólico a partir dos contatos com seus mestres e coordenadores. Na verdade, essa separação é apenas metodológica e não representa com fidelidade o entrelaçamento das vertentes simbólicas nos dois municípios mesmo porque são interligadas e compõem um mosaico de significados complexos.

É notável que tanto a espontaneidade dos grupos culturais quanto o financiamento particular ou público resgatam a tradição seja ela constituída de elementos novos ou antigos. Apresentamos algumas experiências proporcionadas pela investigação do desenvolvimento

do conceito de cultura que dão subsídios à elaboração de um inventário das manifestações culturais existentes.

SOBRE CULTURA E FESTAS RELIGIOSAS

O tratamento dedicado à questão cultural tem seu apogeu ao final do século XIX e primeira metade do século XX quando os modos diferenciados de viver dos grupos humanos com o seu meio possuem relevado destaque nas pesquisas sociais. Claval (2003) apresenta abordagens sobre cultura na Geografia a partir de três grupos: I. Vidal de La Blache e os geógrafos vidalianos; II. Os especialistas da geografia histórica; III. Uma personalidade forte e original, mas que permanecia isolada, Eric Dardel.

A ESCOLA FRANCESA DE PAUL VIDAL DE LA BLACHE

Essa Escola considerava a cultura como o resultado entre o homem e o meio, caracterizada pelos gêneros de vida: caça, pesca, criação de bovinos, ovelhas, suínos, cavalos, agricultura, etc. A adaptação do ser humano, dependia de:

I) das técnicas produtivas e da possibilidade de inventar novas técnicas;

II) das técnicas de transporte e da possibilidade de desenvolver trocas com grupos vivendo em outros meios ambientes; III - dos hábitos do grupo.

Nota-se que a técnica e a força do hábito são fatores destacáveis na ideia de cultura de La Blache embora o mesmo não tenha desenvolvido conceitos e teorias sobre o tema. Mesmo assim a influência que essas ideias produziram teve êxito nos países tropicais cujas sociedades encontravam-se menos industrializadas.

No contexto de uma Geografia que se propunha a estudar a cultura, a metodologia de Sauer (2003), cuja primeira publicação *The Morfology Landscape* data de 1925, lança um olhar às diferenciações de modos de vida e de manejo das técnicas como responsáveis por criarem regiões funcionais. Além disso, possibilitou o surgimento da paisagem cultural, pautada na materialidade da cultura, ou seja, a paisagem vista pela cultura material.

Nela, surgem ainda os termos: história cultural, ecologia cultural sob forte influência antropogeográfica (história), econômica (geografia da indústria, e dos transportes) e ambiental (geologia e geomorfologia).

A cultura, nesse entendimento, foi discutida do ponto de vista material sem levar em conta as diferenças de classes e a desigualdade social vigente que originou diferentes formas de apropriação das paisagens, territórios e lugares.

A GEOGRAFIA HISTÓRICA

A abordagem de cultura nos estudos de Vidal de La Blache pouco tinha de profundidade. Tal situação possibilitou que geógrafos franceses se dedicassem à história dos fenômenos espaciais desde as evoluções lentas a de analfabetos na sociedade. Destacam-se os trabalhos de Roger Dion e Xavier de Planhol o primeiro se dedicou a explicitar o papel simbólico do vinho na civilização francesa. Por exemplo, oferecer uma taça de vinho seria uma prática de

boas-vindas e que conferia uma qualidade simbólica ao rito ao mesmo tempo que revelava a existência de classes sociais ricas. Xavier de Planhol, teve interesse, além das paisagens rurais, pela Geografia do mundo Muçulmano e a distribuição dos mercadores nas ruas centrais.

As distribuições geográficas nessas duas concepções são pautadas pelas preferências de ordem universal e/ou local e se explicam pela compreensão do domínio econômico para entender os fenômenos da Geografia.

A GEOGRAFIA MÍTICA DE ERIC DARDEL

Eric Dardel explorou uma Geografia que dá sentido à presença humana na Terra. Pode-se dizer que trouxe uma visão onde a vida mora. Historiador, em clássico livro, denominado *L´Homme et la Terre,* aborda o pertencimento do homem à Terra e que revela sua admiração e respeito pelas águas, solos, relevos e forças sobrenaturais. O homem, para ele, constrói por si só uma Geografia mítica, ou seja:

> Visto que a Terra é mãe de tudo que vive, de tudo que é, um laço de parentesco une o homem a tudo que o cerca, às árvores, aos animais, até às pedras. A montanha, o vale, a floresta não são simplesmente um quadro, um "exterior", mesmo que familiar. Eles são o próprio homem. (DARDEL, 2011, p. 49).

Os sentidos e sentimentos que esse homem possui fortalece estudos da dimensão simbólica que se contrapõe às concepções puramente econômicas e abre perspectivas de novas análises geográficas nos anos de 1970 e 1980. O sentimento religioso, os mitos, a dimensão imanente ou transcendente de alhures, de onde a vida é julgada, tornaram-se aspectos centrais na análise geográfica (CLAVAL, 2003).

As percepções que surgem da perspectiva de estudos geográficos da cultura abrem um leque de possibilidades de investigações dos signos e significados presentes nas manifestações como pontos de iluminação para a percepção solidária e comunitária nos rituais das celebrações sagradas e profanas.

A GEOGRAFIA HUMANISTA E CULTURAL

Na Geografia Cultural, especialmente desenvolvida nas décadas de 1960 e 1970, o indivíduo possuidor de saberes próprios se sobressai sobre uma paisagem descritiva numa perspectiva mais crítica e humanista da cultura. Tuan (1983), nesse período, desenvolve uma investigação dotando a Geografia Humanista de uma identidade singular, tanto que publica em 1974 o livro Topofilia, abrangendo conceitos espaciais e de ambiente com forte característica da fenomenologia.

Para os autores da Geografia Cultural Renovada um novo caminho para o exercício de leituras sobre as paisagens, lugares e territórios é estabelecido, visto que considerar apenas o indivíduo e suas percepções de mundo não colaboraria suficientemente para a compreensão dos problemas de ordem sociohistórica. Nessa ótica, o mundo não é o retrato visível da realidade. O mundo é infiel à realidade das formas e dos conteúdos apreendidos pelo olhar.

Duncan (2004) compreende criticamente o tema quando contrapõe os valores e conteúdos definidos pelos geógrafos da Geografia Cultural da seguinte maneira:

> Os geógrafos culturais, que ironicamente pouco se interessaram pela cultura, voltaram sua atenção quase que exclusivamente para os artefatos. Através dos anos, inúmeros artigos em periódicos se dedicaram ao tópico da distribuição regional — e, ocasionalmente, da difusão de celeiros, de cercas, ou "conjuntos" de paisagens, dos quais se dizia que revelavam regiões culturais ou focos culturais. (DUNCAN, 2004, p. 92).

Nessas concepções, a cultura é mais do que a herança genética e o espaço em que se inscreve a vida dos homens constitui-se de diversos aspectos materiais, de valores simbólicos e de consciência do papel transformador crítico nas paisagens. No bojo dessa questão as práticas religiosas são incluídas como manifestações culturais que marcam uma determinada paisagem, espaço ou um lugar sagrado.

O Geógrafo tropicalista Joel Bonnemaison refere-se ao espaço geossimbólico, dotado de muitas interpretações políticas, sociais, ecológicas, mas sobretudo: "Um lugar, um itinerário, um acidente geográfico, que por razões políticas, religiosas, históricas ou culturais possuem aos olhos de certos grupos sociais ou povos uma dimensão simbólica que alimenta e conforta sua identidade" (BONNEMAISON, 2001, p. 109).

Nesse sentido, os rituais, as peregrinações, os objetos e ritos fazem parte de um sistema complexo de signos e significados a luz de homens e mulheres participativos em seu espaço. Está, como salienta Costa (2010), relacionado com a valorização do espaço vivido. Para Rosendahl (2013) sagrado, profano e território contribuem para que o grupo religioso reforce o sentido de pertencimento à instituição religiosa.

O exercício de poder religioso ocorre na vivência da fé, nesse caso, a igreja católica, com forte peso da dimensão política. Tal como a autora chama atenção há uma partilha de uma identidade comum entre os membros que realizam tarefas ativas e atuais comandados por uma instituição religiosa.

A festa, portanto, tal como consideramos aqui, reduz a distância social existente entre grupos e permite a solidariedade e a afirmação da condição humana frente ao isolamento na sociedade. Por isso apresentamos o Divino Espírito Santo, as Festas de Reis, o Congado e as Festas juninas como territórios de fé e de união entre os homens.

As festas não são separadas das demais atividades exercidas ao longo da vida. Elas são a complementação obrigatória para que os laços possam ser revitalizados, enquanto revelam homens e mulheres por completo, corpo e alma, mente e coração. Sendo assim, as marcas, como as festas, se fazem latentes na vida dos grupos culturais e ocupam a memória dos mais velhos que viveram outros momentos importantes da história local. São essas condições que viabilizam a compreensão de uma cultura fruto das experiências no lugar e no território.

A CULTURA NOS MUNICÍPIOS

BARREIRAS

O Município de Barreiras, emancipado em 1891 de Angical, tem sua história marcada por influências sertanejas, de imigrantes, indígenas e quilombolas. Essa condição faz do

município um detentor de rica diversidade cultural que se expressa nas feiras livres, nos espaços festivos e nas comunidades tradicionais.

No calendário festivo dos municípios de Barreiras e Angical é indispensável a presença das festas de padroeiros e os rituais de celebração católica como forças potenciais da cultura regional por meio da organização comunitária e da devoção. Nessas manifestações se destacam o Reisado, o Divino Espírito Santo e o São João.

O REISADO

O Reisado, Folia de Reis ou de Santos Reis se constitui em uma celebração pelo nascimento do menino Jesus. Em Barreiras há muitos anos se comemora essa manifestação católica no Bairro de Santa Luzia e Barreirinhas onde devotos preservam essa manifestação e dão apoio aos demais participantes em suas casas para organizarem a festa. É tradição cada família organizar a lapinha e o presépio e no dia 6 de janeiro, dia de santos Reis, acontece a festa alusiva à peregrinação dos três reis magos que presentearam o menino Jesus.

Os reis magos na representação nos grupos culturais se organizam nos meses de janeiro e início de janeiro e visitam as casas tocando instrumento de cordas e percussão ao mesmo tempo em que dançam com vestimenta e adereços que mesclam cores douradas, vermelhas, brancas e azuis. As orações e cantorias são acompanhadas com a bandeira da Sagrada Família quando os mais velhos ditam o ritmo e abrem o cortejo que adentra as casas para abençoar e solicitar doações para a Festa de Reis.

Percebe-se o colorido dos Reisados que conta com a participação de crianças, jovens e adultos. (Figura 1).

Figura 1: Apresentação do Reisado no SESC em Barreiras – BA.



Fonte: CARDOSO, E. S. jan. 2015.

Dona Zefa é a principal divulgadora do Divino Espírito Santo e do Reisado. Em sua moradia construiu uma capela particular para eventos religiosos e demais festividades através de recursos próprios, doações da comunidade e de participantes das festividades. O Reisado de Santa Luzia que ocorre há mais de vinte anos em Barreiras tem prática iniciada com a construção de uma Lapinha (Presépio) e manutenção dos enfeites natalinos, acompanhado por uma série de reuniões para orações.

No dia primeiro de janeiro dá-se início às festividades de Santo Reis, com vestimenta uniformizada e detalhes artesanais e incremento de material industrializado. O grupo se desloca nas proximidades do bairro Santa Luzia entoando cantigas e dançando nas casas dos fiéis católicos que permitem sua entrada. Na ocasião, as moradias dos devotos são pontos de apoio e descanso e contam com a colaboração de um cozinheiro designado somente para essa época, no caso, até o dia seis de janeiro quando ocorre o encerramento das comemorações.

Devido às experiências e participações de alguns dos mais antigos membros em festividades em outras localidades o Reisado tem assimilado adaptações na dança e música posto que qualifica o grupo como praticante de diversas cantigas nas festividades existentes ao longo do ano. Transmitidas por meio verbal e familiar o Reisado conta com a participação de crianças pequenas e membros com idades superiores a sessenta anos os quais comandam o ritmo dos mais novos. Apesar da dificuldade em repassar as práticas para os mais jovens o pouco investimento financeiro tem sido a maior barreira para a continuidade da manifestação do Reisado.

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

A Festa do Divino é uma das tradições mais antigas do catolicismo popular e ocorre no domingo de Pentecostes, ao celebrar a descida do Espírito Santo sobre os doze apóstolos. De origem portuguesa, a festa remonta ao início do século XIV, quando a Rainha Isabel de Portugal (1270-1336) introduziu a celebração na Vila de Alenquer, dedicando uma igreja ao Divino Espírito Santo e assistindo às celebrações anuais (BAHIA, 2010).

A festa chegou ao Brasil e passou por modificações com a tradição de escolher um casal para representar os imperadores. A manifestação possui uma expressão folclórica, porém, sua realização e significado se dá pela intermediação das igrejas católicas. Na celebração eucarística é destinado um lugar junto ao altar para que o imperador ou imperatriz possam, após coroação, receber as bênçãos do Divino Espírito Santo e, a partir de então, exercer o seu reinado.

Em Barreiras os fiéis católicos peregrinam pelas ruas da cidade e nos povoados com a bandeira do Divino e com acompanhamento de pandeiros e tambores. Seus integrantes, cerca de vinte a trinta, fazem o pedido de esmolas, ou seja, pedem doações para custear a festa no final do mês de maio. Ao adentrar as casas e/ou estabelecimentos comerciais oram, cantam e abençoam o local.

Essa manifestação religiosa corrobora com o que diz BAHIA (2010) quando descreve que a manifestação, incelências e ladainhas são entoadas com acompanhamentos de tambores. O grupo tem o hábito de sortear, no final do auto, um integrante que será o imperador ou imperatriz da próxima festa e guardará a coroa de prata em sua casa.

O imperador ou imperatriz é responsável em ofertar um almoço aos participantes do Divino e comandar a festa no dia destinado à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos após a celebração da missa. Os imperadores ficam durante um ano responsáveis em zelar pela tradição e no ano seguinte organizar a passagem para nova coroação. Constatou-se, nessa celebração, que há uma mobilidade do espaço sagrado e a existência do circuito sagrado tal como entende Rosendahl (2013), na medida em que vários membros da comunidade podem participar como organizadores da Festa do Divino.

AS FESTAS JUNINAS

As festas juninas têm origem nas festas de santo da Europa. O São João nos dois municípios é uma das manifestações culturais mais esperadas no ano. Em Barreiras, inúmeros grupos de quadrilha se apresentam em festivais na cidade e em outros distritos e povoados. Também ocorrem apresentações em Luís Eduardo Magalhães, município emancipado de Barreiras.

O São João se inicia bem antes do dia 24 de junho, dia do santo, quando acontecem os ensaios em escolas, ginásios, ruas e praças públicas. Em Barreiras, na praça Landulfo Alves ou no Parque de Exposição as quadrilhas se apresentam com temas, vestuário e cenários variados com temáticas alusivas ao sertão nordestino (Figura 4). O enredo traduz a festa caipira e antes é apresentada toda a história da moça que engravidou do noivo e o mesmo se recusa a casar. Na ocasião participam outros personagens como o delegado, o padre, o sacristão, os padrinhos e madrinhas. Após o casamento sacramentado dá-se início à festa.

As festas de São Pedro e de Santo Antônio complementam a de São João pois no mês de junho acontecem as missas, quermesses e vendas de comidas típicas: a canjica, mingau de milho, o milho verde e o quentão. Os pratos e bebidas são vendidos nas barracas organizadas pelas igrejas e seus fiéis católicos. Comemora-se em vinte e nove de junho o dia de São Pedro, e no dia treze o de Santo Antônio, o santo casamenteiro. Como a tradição define, o dia desse último santo, ainda é celebrado com devoção, muito embora tenha perdido um pouco a crença das moças nas simpatias para conseguir um marido.

Figura 2: Apresentação de Quadrilhas na Festa de São João em Barreiras - 2014 - BA.



Fonte: CARDOSO, E. S. jun. 2014.

As quadrilhas possuem diferentes coreografias e indumentárias. Os cenários onde são realizados os casamentos caipiras contam com produção artística segundo o enredo definido para aquele ano. A encenação conta com apoio de equipes que montam igrejas, bares, casas e outros ambientes.

Sobre as festas e outras celebrações Chaveiro (2005) resgata a importância dos símbolos nas paisagens sertanejas que ajudam a compor o universo cultural das simbologias presentes nas festas juninas. Chama atenção o autor:

> Procedimentos religiosos como o terço de casa, a novena da comunidade, as festas juninas, as rezas-para-a-alma, o voto, a promessa e outros eventos semelhantes cumpriam diferentes funções: além de costurar a feição simbólica da subjetividade, poderia indicar encontros, festejamentos, ritos de comunicação, ou mesmo lugares para conhecer a pessoa com quem se pretendia casar. (CHAVEIRO, 2005, p. 57).

A crença nas simpatias faz parte de um sistema cultural que está fortemente ligado a uma paisagem e a um tempo acompanhados de danças, leilões, casamentos, promessas, orações. O universo cultural que tem por base essas tradições define o homem como ser simbólico que necessita da festa, do afeto, da comunhão, da força divina e sobrenatural. Mais do que a devoção aos santos e santas, as festas e celebrações "emocionam" quem dela participa, como bem nos lembra Maia (2013), ao nos apresentar o migrante e seu retorno real ou imaginativo às festividades do seu lugar de origem.

As festas juninas assim como as demais celebrações aqui identificadas fazem parte das relações humanas e míticas, como necessidades do homem sobreviver, agradecer e comemorar as graças alcançadas no trabalho e na família. Apesar do forte apelo comercial que destoa do real sentido da festa são comuns o agradecimento à Deus, à natureza, ao trabalho e ao descanso expresso em letras das músicas, indumentárias e danças.

ANGICAL

Município rico em expressões culturais principalmente na música e em festas populares. Participam dessa riqueza festa do boi Jaú, sambadeiras, Divino Espirito Santo, Apresentações da Lira Angicalense e o Congado.

O CONGADO

O Congado de Angical possui semelhantes características com os demais realizados no Estado da Bahia. Apesar de não se ter uma comprovação de registros escritos e de imagens, a oralidade prevalece nos relatos das gerações mais antigas de que o Congado se originou numa fazenda da Família Almeida, uma das fundadoras de Angical por volta de 1880[10]. A família adquiriu escravos para mão de obra em suas plantações de arroz, feijão, milho e algodão no povoado de Ouriçangas.

10 Entrevista semi-estruturada realizada em seis de janeiro de 2015 com coordenadores do Congado de Angical quando da apresentação no Serviço Social do Comércio (SESC) em Barreiras.

Dessa forma, os escravos trouxeram consigo essa tradição que foi proibida, porém, mantida e praticada em horários em que os senhores iam para a missa. Na ocasião, um escravo ficava responsável em vigiar o retorno do patrão e avisar aos demais. Por falta de registro, não se tem conhecimento de como iniciaram as adesões dos escravos ao cristianismo ou quais foram os primeiros Reis.

A manifestação inicia-se no dia primeiro de janeiro e as visitas às casas até o dia seis do mesmo mês. O Congado é composto somente por homens cujas funções são diferenciadas. O caixeiro dá o tom das cantigas e o rei comanda a festa e toca pandeiro, os membros dançam entre si na roda, inclusive o caixeiro e o rei. O Congado, ao mesmo tempo que faz referência à coroação dos reis do Congo também homenageia Nossa Senhora do Rosário. No dia de reis, o Congado visita as lapinhas e os presépios com indumentárias compostas por chapéus com fitas coloridas, xale e coroa.

Além dos elementos integrados por parte do cristianismo, com o passar das décadas e a disposição de novas matérias-primas e formas de produção de vestimenta, o único elemento que se mantém artesanal é o tambor manuseado pelo membro conhecido como caixeiro. Além desse elemento o Congado reúne a bandeira da santa e os "capacetes" (chapéus enfeitados em forma pontiaguda) como é possível ser visto na Figura 3. O xale é usado somente em um ombro por todos eles, de forma que, ao se organizarem em duas fileiras os membros se posicionam na fileira esquerda usam o xale no ombro esquerdo de uma cor específica e os da outra fileira usam o xale no ombro direito em uma cor diferente. Outros elementos são a coroa, o pandeiro, a capa do rei na qual contém uma imagem da Santa.

O engajamento dos mais jovens ainda tem sido difícil, porém, percebe-se que os filhos e netos dos antigos brincantes vêm adquirindo maior conhecimento da importância da manifestação quando convidados para apresentações em diferentes lugares da cidade e da região. Apesar das dificuldades em repassar aos mais jovens a tradição do dia de Reis e do Congado é ainda possível encontrar crianças e adolescentes cantando e dançando na roda com alegria e respeito pelo dia. Ambas as festas necessitam de maior apoio e destaque no calendário municipal para que possam ser celebradas por toda a comunidade quer sejam crianças, jovens, adultos, barreirenses, angicalenses ou moradores de outros municípios.

Figura 3: Apresentação do Congado de Angical (BA).



Fonte: CARDOSO, E. S. 2015.

O estilo de dança e música tem como base em cantigas ancestrais com mistura de expressões da língua original africana com o português antigo, participação de instrumentos são menos expressivos que outros reisados, com apenas um fundo musical para marcar as cantigas e os passos de dança. Tais danças tem uma forma específica e diferenciada já que dançam somente dois por vez.

Devido à distância temporal de suas origens africanas, perde-se o conhecimento do significado de certos termos presentes em suas cantigas, porém, diante da organização e interesse dos pais para o repasse aos filhos pode-se projetar uma maior participação de novos membros. Por fim, a esperança na continuidade da manifestação está depositada no Congado mirim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado cultural das manifestações nos municípios de Barreiras e Angical é expressivo da realidade material e imaterial. Envolve organização, tradição, fé e comunhão. Os devotos, brincantes e fiéis depositam suas crenças na vida a partir de uma estreita ligação espiritual com os santos, orações e cantigas. Nas manifestações culturais do Divino Espirito Santo, Reis, Quadrilhas e o Congado é latente a participação dos mais velhos como partícipes de uma história que envolve resistência com adaptações e dificuldades, porém, pautada na solidariedade e no respeito aos santos e santas.

Apresentamos apenas um pouco dessa diversidade cultural que se expressa por diversos meios sejam eles simbólicos ou materiais e que adquire valor substancial à identidade territorial e cultural de um povo. Acreditamos que o projeto irá contribuir sobremaneira para a valorização da cultura e sua resistência. São nesses espaços geossimbólicos que se mantém vivas as experiências humanas onde o espírito de elaboração das festas é tão ou mais importante do que o produto final em si. É passível, a cultura em Barreiras e Angical, de ser lida sobre diversos ângulos, como um texto, sem perder a noção de protagonismo de comunidades rurais e urbanas quando se apropriam de espaços e territórios para evidenciarem sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA (Estado). **Catálogo Culturas Populares & Identitárias da Bahia.** Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2010.

_____. **Espaço, ambiente e cultura.** In: FURLAN, Sueli Angelo. (Org.). São Paulo: Geodinâmica, 2012.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia cultural:** um século. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Símbolos das Paisagens do Cerrado Goiano. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.). **Tantos Cerrados:** múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural. Goiânia: Vieira, 2005. 348 p. il.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 146 p.

COSTA, Otávio Lemos. Hierópolis: o significado dos lugares sagrados no sertão cearense. In: ROSENDAHL, Zeny. **Trilhas do Sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 192 p.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: _____; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. v. 2, 296 p.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da religião. In: _____; _____. **Geografia cultural:** uma antologia, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. v. 2, 296 p.

_____. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: _____; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia cultural:** uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 296 p.

Recebido para publicação em 16 de Janeiro de 2017.
Aceito para publicação em 17 de Março de 2017.